

APROXIMAÇÕES AO TEMA DO EXÍLIO E À EXPERIÊNCIA DE ESCRITORES ARGENTINOS E BRASILEIROS

Solange MUNHOZ¹

- **RESUMO:** Os últimos golpes militares na Argentina e no Brasil deixaram seqüelas que podem ser percebidas ainda hoje na sociedade, sendo o exílio uma delas. Dentre os grupos que vivenciaram a experiência do exílio, está o de escritores que abandonaram seu país por motivos que vão desde serem perseguidos por suas idéias contrárias à nova ordem estabelecida até procurarem liberdade para expressar-se. Tendo em vista esses fatos, o objetivo do nosso trabalho é recuperar alguns traços da experiência do exílio e sua relação com escritores argentinos e brasileiros, porque colaboram na compreensão do tratamento dado ao tema em uma série de textos da produção literária contemporânea.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura; escritores argentinos e brasileiros; exílio; literatura contemporânea.

Considerações iniciais

O resultado da alteração da ordem social e política levada a cabo pelos últimos golpes militares na Argentina e no

¹ Associação Paulista de Ensino – APE – CEP 03175-010 – São Paulo – SP. E-mail: solangemunhoz@yahoo.com.br.

Brasil contribuiu para inserir esses países no grupo das nações vitimadas por alguma das catástrofes que marcaram o século XX e o transformaram no que Edward Said denominou a "era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa" (2003, p. 47).

E cerca de vinte anos depois do fim da ditadura militar, ainda hoje é possível detectar, em ambas as sociedades, seqüelas deixadas pela violenta ação repressora do Estado que prendeu, torturou, matou ou impeliu ao exílio um grande contingente de pessoas, obrigando-as a romper com seu mundo de referências e, na medida do possível, a traçar outro projeto de vida para si mesmas e para suas famílias.

Em razão do impacto da experiência do desarraigamento, o tema do exílio tem se apresentado de forma significativa, nas últimas décadas, na produção cultural daqueles que, direta ou indiretamente, sofreram as mudanças impostas pelo golpe militar, revelando características particulares em cada caso. Dentre os fatores que intervêm na sua representação, estão o protagonismo ou não no evento, a possibilidade de recordar e participar o vivido como herança individual ou coletiva, bem como o tempo transcorrido entre o acontecimento e sua elaboração no plano discursivo.

Especificamente na produção escrita contemporânea de argentinos e brasileiros, encontramos a abordagem desse tema em artigos da imprensa, estudos acadêmicos, depoimentos, documentos pessoais, biografias, autobiografias ou ficções. Consideraremos exemplares dessas produções ao longo do nosso trabalho para ilustrar algumas das fissuras abertas pelo desarraigamento durante e depois do exílio, e também antes dessa experiência, quando a dúvida leva cada indivíduo que se sente ameaçado a tomá-lo em conta como uma saída imediata para colocar-se em segurança e garantir a sobrevivência. Em um tópico específico, concentraremos nossa atenção em dois grupos que vivenciaram a experiência do exílio, como é o caso dos escritores que saíram de seus países por motivos que vão desde serem alvo de perseguição política até buscarem liberdade para expressar-se e desenvolver seu trabalho artístico. São de alguns desses escritores os relatos que auxiliam na construção da memória recente de seus países, seja por meio de depoimentos, seja por meio de sua literatura.

Objetivamos colocar em circulação algumas das questões que versam sobre as fraturas representadas pelo exílio porque nos auxiliam a compreender uma determinada produção literária pós-ditatorial — intensa na Argentina e tímida no Brasil por motivos que não discutiremos detalhadamente neste trabalho — em que o desarraigamento aparece como perda². Para isso, valemo-nos de uma série de fragmentos de textos com a intenção exclusiva de (como dissemos) ilustrar os aspectos abordados e não de fazer uma tipologia do exílio.

Antes de orientar a atenção a nosso objeto de estudo, acreditamos importante lembrar que existem diferenças fundamentais entre os regimes militares que se estabeleceram no poder após a queda dos governos constitucionais de Isabel Perón, na Argentina em 1976, e de João Goulart, no Brasil em 1964. Igualmente, é importante observar que a maneira como se deu o fim desses regimes em ambos os países, nos anos 80, ao lado de outros motivos, influenciou e influencia a construção da memória do período e a investigação do impacto que os acontecimentos daquela época têm no imaginário de cada sociedade, que se refletirá na produção literária.

Resumidamente, podemos dizer que, na Argentina, o fato de os militares deixarem o poder sob o signo do fracasso impediu-os de pactuar com seus sucessores uma transição baseada no esquecimento das irregularidades e atrocidades de seus governos, o que possibilitou que suas ações fossem julgadas. A pressão da sociedade pelos *juicios por la verdad* manteve o tema em discussão a ponto de conseguir, no ano de 2003, a prisão tanto de chefes militares quanto de líderes guerrilheiros, que atuaram principalmente nos anos 70. Se foi mais fácil apontar a responsabilidade nesse caso, o motivo está em que a repressão havia sido institucionalizada pelo regime e dela participavam diretamente os integrantes do governo militar.

Ao contrário, no Brasil, vivenciamos um regime que tentou ocultar suas ações violentas e liderou uma transição que

² Podemos citar, como exemplo, as obras argentinas: *La casa y el viento, de Tizón* (1984; 2001) e *Em estado de memoria*, de Mercado (1992) e a brasileira *Rabo de foguete*. Os anos de exílio, de Gullar (1998).

durou mais tempo do que o período de governos ditatoriais. Esse mesmo regime, que estabeleceu regras para a democratização do país, conseguiu deixar no imaginário de parte da população brasileira uma lembrança relativamente positiva das Forças Armadas e de seus governos, dentre outros motivos, por conta dos resultados econômicos do início da década de 70.

Aproximações ao tema do exílio

Para aclarar em que acepção empregamos a palavra “exílio”, recorremos à explicação de José Luis De Diego (2000, p. 432), que estabelece como diferença semântica em relação a outras usadas para marcar o deslocamento espacial — como o verbo “emigrar” e as palavras “desterrado”, “deportado” e “ostracismo” — o fato de que o exilado, em alguns casos, sai de seu país para evitar uma decisão judicial e, em todos os casos, toma uma decisão individual a partir de um fundamento de ordem político.

A mesma idéia é compartilhada pela historiadora Denise Rollemberg que, ao estudar o exílio brasileiro entre 1964 e 1979, indica as “referências políticas mais ou menos sólidas” como sendo a especificidade da condição do exilado. No caso do Brasil, a saída poderia se dar por meio da expulsão formal, por exemplo, na condição de banido³, ou informal, na condição de perseguido ou ameaçado pela repressão. No primeiro caso, a volta significava submeter-se à sentença de morte não oficial emitida no momento da libertação (1999, p. 44 - 45 e p. 78).

O depoimento do escritor argentino Julio Cortázar é especialmente significativo para marcar a diferença entre a situação de emigração e de exílio, bem como a importância que o fenômeno histórico da ditadura e o peso da decisão individual tiveram para fazê-lo ver-se como um exilado. Apesar de ter saído da Argentina nos anos 50, décadas antes dos eventos relacio-

³ O banimento foi o procedimento jurídico que a ditadura encontrou para atender as exigências das organizações políticas armadas que seqüestravam diplomatas estrangeiros para trocá-los pela libertação de presos políticos. Ver texto e notas de rodapé em ROLLEMBERG (1999, p. 75 - 76).

nados com o "Processo de Reorganização Nacional", somente se sente um exilado a partir dos anos setenta mediante a generalização do sentimento de insegurança que se instalou no país. Contra si pesava o fato de ter escrito relatos ficcionais que a Junta considerava nocivos para sua imagem. Em um texto de 1978, apresentado em um colóquio sobre "Literatura latinoamericana hoy", Cortázar (1994, p. 164 - 165) comenta:

Para mí al menos, la noción de exilio comporta una compulsión y muchas veces una violencia. Un exiliado es casi siempre un expulsado, y ése no era mi caso hasta hace poco. Quiero aclarar que no he sido objeto de ninguna medida oficial en ese sentido, y es muy posible que si quisiera viajar a la Argentina podría entrar en ella sin dificultad; lo que sin duda no podría es volver a salir, aunque desde luego la Junta Militar no reconocería ninguna responsabilidad en lo que pudiera sucederme; es bien sabido que en la Argentina la gente desaparece sin que, oficialmente, se tenga noticia de lo que ocurre.

Ainda sobre a diferença entre "emigração voluntária" e "exílio", o poeta argentino Horacio Salas (1993, p. 558), rememorando sua experiência como exilado depois do golpe de 1976, aponta o "desejo" de sair como elemento a ponderar:

El exilio se diferencia de la emigración voluntaria en algo esencial: el deseo. Aunque no sea del todo cierto, uno elige el instante de la partida y supone que también podrá fijar la fecha del regreso. El exiliado, en cambio, es un expulsado, ignora si alguna vez podrá volver a su país, y su viaje posee las características de lo impuesto por la fuerza, de una injusta condena, de una sentencia sin término ⁴.

⁴ Rollemberg (1999, p. 42-44) questiona a idéia de que o migrante parte "voluntariamente", bem como a de que possa voltar quando queira: "A migração é um fenômeno social, não individual, e a partida deve ser entendida numa perspectiva ampla, não estando limitada à idéia da escolha individual, da possibilidade legal da volta, nem tampouco à presumida ausência de 'imposições' e 'brutalidades', mesmo se comparada à violência sofrida pelos exilados". O que vê como particularidade de sua condição é a precariedade de sua inserção no mercado de trabalho.

Podemos ampliar o alcance da condição de exilado se consideramos os que deixaram o país porque se sentiam insatisfeitos ou sufocados pelas ações políticas do Estado. Não foram poucos os que saíram “se negando a viver cerceados e controlados pela repressão, mas que o fizeram legalmente. Comum a todos os exilados foi a opção de partir diante de circunstâncias repressivas e arbitrárias, num país onde até a liberdade de expressão deixou de existir e as garantias jurídicas não estavam asseguradas. Tornaram-se todos, portanto, exilados” (ROLLEMBERG, 1999, p. 84).

O cientista político e exilado Herbert José de Souza (Betinho), perseguido nos anos 60 e 70 por ser líder estudantil e organizador da Ação Popular (AP), vai além e propõe, no seu depoimento para o livro *Memórias do exílio, Brasil 1964 - 19??* (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 79), que a condição de exilado pode se dar ainda dentro do país e afeta todos os que estão contra o sistema.

Com a perda do lar, o exilado leva consigo a imagem congelada de seu passado, que interfere em seu presente, condicionando sua inserção no novo ambiente. Em alguns casos, as perdas relacionadas com o desarraigamento roubam do exilado o ânimo para recomeçar e para apreender as convenções do país de acolhida, seja por conta da crença de que sua situação provisional diz respeito a um curto período de tempo; seja pela dificuldade de adaptação a realidades, em maior ou menor grau, diferentes da sua – em que interferem fatores geográficos, culturais, perspectivas profissionais e intelectuais, e outros –; seja por confundir adaptação e assimilação, isto é, ceder às exigências da adaptação seria o mesmo que negar os vínculos com o país natal e com as raízes. No depoimento do frade dominicano Magno José Vilela (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 210.), temos que, diante da condição de exilado, apesar das dificuldades, a primeira providência era respeitar o modo de ser do povo do país de acolhida e adaptar-se sem ser assimilado, sem renegar suas raízes. Em qualquer dos casos discutidos, o exilado corre o risco de viver duplamente alienado: com relação ao que está longe, mas quer viver, e com relação ao que está perto e tem que viver, mas não quer (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 172).

A força de atração das raízes pode ser de tal ordem que

leva o exilado a relacionar-se basicamente com outros da mesma nacionalidade, ampliando as dificuldades de adaptação, ou a gravitar geograficamente em torno do seu país, apesar dos riscos à segurança. Exilados brasileiros que tentaram permanecer nos países vizinhos sofreram a decepção e o perigo extras de serem testemunhas de novos golpes militares. Um dos casos mais sentidos foi precisamente a queda do presidente chileno, Salvador Allende, em 1973, que teve o agravante de representar o fim do sonho dos militantes esquerdistas do período de verem o socialismo implantado na América Latina. Herbet José de Souza diz que o golpe no Chile "foi algo mais grave para mim, mais chocante que o próprio golpe de 64" (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p.103 e p. 219). E Magno José Vilela comenta: "O golpe de Estado no Chile acho que me doeu tanto quanto teria me doído outro golpe de Estado no Brasil. Senti profundamente esse golpe. A sensação que tive é que a esperança de uma geração inteira, de um país inteiro, da América Latina, tinha morrido" (op. cit., p. 219).

De modo geral, já em meados dos anos 70, os opositores que insistissem em permanecer no Cone Sul, governado por regimes militares, estavam igualmente ameaçados em todos os lugares devido ao compromisso de cooperação entre os Exércitos dos diferentes países por meio da Operação Condor. Assim, a pátria era arrancada do exilado em múltiplas possibilidades.

O extremo das dificuldades impostas pelo exílio e experimentadas individualmente pode levar a desenlaces trágicos. Magno José Vilela (idem, p. 214) afirma que "todos [os exílios] doem, mas nem todos da mesma maneira e eu penso aqui de maneira especial nos companheiros que morreram no exílio, seja por doença, seja acidente, seja por suicídio". Para além do lado negativo do exílio, o depoimento de Vilela nos remete à compreensão da experiência a partir do sentir exclusivo de cada exilado, que será mediado pela estrutura cultural e psicológica, pela personalidade e por elementos como origem social, faixa etária, geracional, cultural, profissional, país de acolhida, conjuntura e circunstâncias históricas (ROLLEMBERG, 1999, p. 46).

Igualmente individual é o sofrimento ocasionado pela solidão que acompanha o exilado e que não se resolve pela

companhia da família nuclear ou pela proximidade cultural entre o país de origem e o país de acolhida. Muitos exilados não se reconhecem na nova realidade nem percebem nela parte de sua história de vida, ainda que existam elos históricos entre os países e a coincidência de idiomas. Os profissionais que têm a palavra como ferramenta de trabalho são especialmente afetados por esse aspecto do exílio. Ao discorrer sobre seu exílio na Espanha, o escritor argentino Daniel Moyano (1993, p. 147) fala em um "extrañamiento del propio idioma", em que as palavras aprendidas no contexto de seu país e de sua infância guardavam uma carga de significados diferente daquela encontrada na Espanha e que punha em dúvida a eficiência da comunicação, independentemente das dificuldades causadas pela diferença de variante lingüística, pois "las palabras, como la patria, son la infancia, se apoyan en ella para poder sonar y significar en niveles profundos". A comunicação, então, nunca era plena já que:

cuando una decía "río", la representación mental que ambos interlocutores se hacían era muy distinta. Cuando un español decía "río", a mí se me representaba el de Cosquín, en las sierras de mi infancia en la Córdoba de allá, lleno de mojarritas, mientras que para él esa misma palabra representaba acaso el Tajo, es decir a Garcilaso, y a Miguel Hernández, y por extensión a Fernando Pessoa. O a cualquier río de su infancia, claro (MOYANO, 1993, p. 149).

Vencida a barreira da língua, ao menos para a comunicação mínima, o exilado enfrenta problemas políticos ou burocráticos que podem levá-lo a vagar de um país a outro em busca de um lugar para estabelecer-se, uma vez que os exílios massivos da segunda metade do século XX instigaram os países a aprovarem leis de imigração com um grau de rigor crescente. Esse vagar por países é também o vagar por culturas ou línguas diferentes que, sobrepondo-se umas às outras, gera "um sincretismo que chega algumas vezes a limites desconcertantes", de acordo com José Maria Rabêlo (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 172), ao comentar como a educação de seus filhos foi afetada por acompanhá-lo pelo exílio em diferentes países da América Latina e Europa. No que diz respeito a idiomas, em sua casa se falavam três como

resultado da experiência.

A essa etapa, segue a maratona de garantir a sobrevivência por meio de um trabalho que normalmente está dissociado da competência e habilidade profissional do exilado. Horacio Salas (1993, p. 558) relembra as restrições:

Casi todos los exiliados debimos trabajar en las labores más inverosímiles y menos relacionadas con nuestras profesiones y aptitudes. Y aunque a la distancia suene a exageración, a puro dramatismo, varios, por algún tiempo, anduvieron (anduvimos) recorriendo las orillas del hambre. Luego — como era esperable — poco a poco fue bajando la espuma de las dificultades y comenzamos a acomodarnos a una nueva situación laboral que raramente guardaba relación con nuestra historia anterior.

Salas arrola uma série de trabalhos que executou e que guardavam maior ou menor distância com os de sua atuação anterior como jornalista e escritor, dentre eles está o de operário. As mesmas dificuldades profissionais são relatadas por Fernando Gabeira (1979, p. 61), em uma entrevista concedida ainda durante seu exílio na Europa, que aponta como ocupações exercidas em distintos países as de jardineiro em cemitério, ajudante de enfermeiro, porteiro de hotel, maquinista de metrô, bolsista e estudante de antropologia, além de ter trabalhado na cozinha de um hotel. Isso depois de renunciar a uma carreira como jornalista no *Jornal do Brasil* para entrar na luta armada. Segundo o depoimento (da década de 70) da advogada brasileira exilada Anina de Carvalho (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 56), “estamos vendo toda uma geração de intelectuais sendo golpeada. Uma das grandes tarefas a se tentar no exílio é fazer com que os profissionais possam exercer suas profissões”.

Enquanto vive no exterior, o país natal que o exilado retém consigo não passa de uma imagem que sofre os efeitos da distância e da memória, podendo levá-lo a amenizar sofrimentos, negações e perdas, e a transformar sua pátria imaginária no melhor lugar do mundo. Nascem daí outras dificuldades, perceptíveis na relação do exilado com o país de acolhida, que alimentam o desejo crescente de voltar. E as mais frágeis possibilidades de volta afetam de diferentes ma-

neiras a organização do cotidiano. Sobre esse aspecto, em *O crepúsculo do macho*, Fernando Gabeira (1980, p. 231) conta sua experiência de regresso ao Brasil, com base na sanção da Lei de Anistia, em agosto de 1979, enfatizando a ansiedade e a expectativa que o levava a deixar em suspenso todos os planos. O país Brasil assume tal importância que é personificado na narrativa: "Ao chegar em casa, o telefone tocava. Era o Brasil". Ou ainda, "— Como é, pintou o Brasil ontem?".

No Brasil, o regresso dos exilados se deu aos poucos, já que o projeto de anistia do governo brasileiro inicialmente não beneficiava os condenados por ações de guerrilha. Se uma parte voltou antes mesmo da sanção da Lei, apostando no processo de distensão, a outra vivia a situação da dúvida permanente e a espera da avaliação dos que voltaram, o que leva o narrador de *O crepúsculo do macho* a apresentar as hipóteses mais comuns entre os que ficaram para justificar a falta de notícias de dentro do país. Uma delas é a de comparar o Brasil ao Triângulo das Bermudas, onde os que voltavam abandonavam os exilados ou enviavam informações "muito telegráficas" porque "queriam esquecer o exílio o mais rapidamente". O narrador também aponta outra hipótese: os que voltavam sabiam como "eram delicadas as fantasias da volta. Não queriam se intrometer nelas, com notícias que poderiam nos desapontar ou mesmo trazer estímulos artificiais" (GABEIRA, 1980, p. 231).

Alguns exilados negam-se a voltar, seja porque a memória selecionou os dados de maior violência para identificá-los com o país, seja por causa da situação de exclusão a que estavam submetidos. Novamente de acordo com Gabeira (1979, p. 23), em uma entrevista ao Pasquim ainda no exílio na Europa, o convívio com operários e negros que não sentiam tanta saudade do país por terem outra vivência no exterior, apesar das dificuldades, permitiu aos exilados não mitificar "tanto" o Brasil e diz que "é importante saberem que todo mundo tá querendo muito voltar mas que ninguém tem mais a visão mitificada de que é impossível viver longe do Brasil. Muitas pessoas vivem e viveram, algumas até melhor. E estas não querem voltar".

Muitas vezes, busca-se, com o regresso, uma síntese que conecte o passado anterior ao exílio, o período de tempo

suspenso correspondente ao exílio, o presente e o futuro, estabelecendo uma relação de continuidade entre os diferentes momentos da história individual e da história social fragmentadas. Síntese, como veremos, impossível, porque não há maneiras de resgatar o que se perdeu.

A volta também acarreta sofrimento. Em primeiro lugar, há o choque resultante do confronto entre a imagem do país guardada na memória com a experiência da realidade que comporta as mudanças ocorridas ao longo do tempo da ausência do exilado. Em segundo lugar, exige do exilado a disposição para decifrar os códigos da nova realidade e aceitá-la. "Pode representar um novo desenraizamento, agora, em relação ao que foi construído no exterior, ao longo dos anos, aos vínculos pessoais e profissionais, mais ou menos profundos, na sociedade estrangeira", afirma Rollemberg (1999, p. 267).

De todo modo, trata-se do conhecimento de uma nova perda, pois experiências importantes vividas no exílio estão identificadas ao país estrangeiro. "A saudade será, para sempre, uma presença. Impossível satisfazê-la" (ROLLEMBERG, 1999, p. 268). Ou, nas palavras do escritor argentino Arnoldo Liberman (1993, p. 551) "para siempre, nada podrá ser reintegrado totalmente en nuestro mundo interno".

Em alguns aspectos, o exílio argentino se diferenciou do brasileiro. Enquanto o exílio argentino foi massivo, resultado das características peculiares da ascensão e cumprimento da repressão do governo militar, esse não foi o caso do exílio brasileiro. Além disso, se na Argentina uma gama de segmentos sociais foi mais homogeneamente afetada pela necessidade de abandonar o país, no Brasil "a maior parte dos atingidos era da classe média, escolarizada e intelectualizada, embora, evidentemente, também tenha havido camponeses, operários e pessoas com nível de instrução baixo" (ROLLEMBERG, 1999, p. 52). Por último, a experiência da perda da pátria – e tudo o que a caracteriza, como o espaço geográfico, a cultura, o cotidiano, a língua, o passado vivido e o herdado como patrimônio, e outros – foi uma experiência que afetou os brasileiros em escala inédita; já na Argentina o exílio parece ser uma experiência constitutiva da história do povo que registra, desde o século XIX, uma tradição de intelectuais proscritos. Emir Sader discorre contrastivamente sobre ambas as experiências ao comentar o exílio brasileiro, e o seu próprio:

Estávamos nus: sem pátria. Se os outros exilados latino-americanos tinham consciência de ter uma "pátria" antes, nós a descobrimos quando a perdemos. Enquanto para eles, que tiveram guerras de independência, a perda tinha um forte conteúdo histórico, presente na densidade de suas identidades políticas, para nós a perda era absolutamente contemporânea – praias, música, futebol, mulheres, comida – sem revolução, sem colônia brasileira, sem organizações, com poucas relações de casal que sobrevivessem, no final de um processo de redução à individualidade como um desgarramento sem fim, e não como uma grande "aventura de liberdade", como uma parte da literatura do exílio deixa entrever. (SADER, 1996, p. 60)

A faceta mais polêmica do exílio é a que considera seus aspectos positivos. Alguns deles, além do já citado rapidamente – o de o exilado ter uma vida melhor no exterior do que a que tinha em seu país, especialmente no caso de determinados grupos sociais –, são: a segurança para si e sua família ao realizar atividades simples e cotidianas como sair às ruas, ser chamado pelo nome – muitas vezes após assumir inúmeras identidades para escapar a perseguições – e poder opinar. Em termos coletivos, aparece no depoimento de brasileiros a importância da internacionalização a partir do exílio e da "descoberta da América hispânica" (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 147).

O exílio deixa fissuras individuais e também coletivas que são percebidas imediatamente pela sociedade, ao longo do tempo ou apenas no momento em que se ampliam as garantias civis que alimentam a transição a um regime democrático, quando se encontram os que ficaram e os que saíram do país e suas respectivas experiências. Algumas das fissuras coletivas são a separação de famílias, a perda de talentos e a divisão da sociedade entre os de dentro e os de fora. Enquanto aqueles são caracterizados como os que ficaram no país e suportaram as condições adversas e a violência, estes são vistos como os que se salvaram, conheceram outros países, ou mesmo, tiveram um "exílio dourado". Essa divisão também pode aparecer no campo literário, como veremos no próximo tópico.

O exílio e os escritores argentinos e brasileiros

Dentre os grupos afetados pelo desarraigamento após o golpe militar de 1976 na Argentina e de 1964 no Brasil, está o de escritores, perseguidos ou ameaçados por suas idéias políticas ou simplesmente por expressar sua antipatia às arbitrariedades cometidas pelo Estado, além dos que saíram devido à falta de liberdade de expressão. Em muitos casos, foram deles os depoimentos considerados pelas instituições preocupadas com a reconstrução da memória para abordar o tema do exílio. Sendo o exílio “uma condição de perda terminal”, encontramos referências a suas seqüelas na vida de escritores, na produção e divulgação de obras literárias e como tema da literatura.

Como fato da vida real, o escritor exilado fica sujeito a todas as peripécias e dificuldades expostas no tópico anterior deste texto e a algumas que estão vinculadas à especificidade de seu trabalho. Muitas vezes podemos lê-las no corpo de sua obra, seja diretamente, de maneira alusiva e metafórica, ou ainda pelo silêncio, no qual se deixa entrever a luta com a palavra para dar conta de escrever a vida. Em uma entrevista, a escritora brasileira Ana Maria Machado condensa desta maneira as implicações da ditadura militar na sua vida e na sua obra (a pergunta era: “O quão fundo a ditadura militar influenciou a sua obra e você?”):

Influenciou muito a minha vida. Me fez conviver com o medo, com a frustração e com a raiva – e não são sentimentos agradáveis. Me fez largar meu trabalho, ir para longe de meus pais e irmãos, sair de minha cultura e ir viver no exílio, como estrangeira, sem direitos, marginal. Cortou uma carreira onde eu começava de modo muito promissor. Afetou profundamente a vida do meu marido, dos meus pais, dos meus irmãos e sobrinhos, tudo com muita intensidade. Abalou meu casamento e o dos meus pais. Fez um filho meu nascer no estrangeiro, fez outro falar três línguas aos quatro anos de idade – e ficar meio tímido e fechado. Me fez trocar de profissão, parar de dar aulas, ser jornalista, me fez escrever para crianças. Me obrigou a ser independente. Enfim, me sacudiu por completo, até mesmo me dando algumas coisas boas. Tudo isso acabou influenciando minha obra. (FERREIRA, 2005)

No período de redemocratização, em que as forças culturais instauram o diálogo e os conflitos silenciados durante a ditadura vêm à tona, uma das discussões com que se enfrenta o escritor e para a qual é convidado a contribuir é precisamente a que versa sobre a possível divisão do campo intelectual devido ao exílio de um grupo de escritores⁵. Colocam-se ainda em pauta questões como o papel que deve desempenhar o escritor na luta contra o regime autoritário; os valores semânticos do termo “exílio” – que podem apontar a usos metafóricos ou confundir-se com outros termos que remetem à saída do país –; a discussão sobre a qualidade das obras publicadas no exterior (e no país), bem como sua inclusão no corpus literário do país de origem do autor. Além disso, o mesmo regime que expulsa o escritor pode censurar sua obra e proibir seus livros; e desempenha um papel prejudicial à renovação do quadro de expoentes culturais ao abortar novos talentos.

Muitos desses aspectos estão contemplados no texto já citado de Julio Cortázar, *América Latina: exilio y literatura* (1994, p. 166). Com relação à renovação do quadro de escritores argentinos, comenta que a censura, a opressão e o medo destruíram jovens talentosos. Até mesmo a produção literária dos escritores (jovens ou veteranos) que ficaram no país se diferencia da dos exilados por ser, no conjunto, menos fecunda. Segundo o escritor Gerardo Goloboff, foram poucos os casos de afasia entre os escritores exilados, apesar das dificuldades específicas que lhes coube enfrentar, detalhadas a seguir:

El trasterramiento impide y complica la percepción cotidiana de la vida nacional; mediatiza el contacto con la realidad y con las vivencias de los compatriotas; oculta innumerables asuntos que podrían ser suscitadores de textos; deforma la visión sobre uno mismo aquí y sobre los demás allá; aleja, en suma, de las fuentes, e impide además saber cómo llegará la obra (si es que ella llega), cómo será leída, quién será ese lector. (GOLOBOFF, 1993, p. 136)

⁵ Na Argentina, foi particularmente intensa a discussão sobre a problemática do exílio e a fratura no campo literário entre os de *afuera* e os de *adentro*. O resgate das principais polêmicas que dizem respeito ao período está contemplado no texto de José Luis De Diego, “Relatos atravesados por los exilios” (2000, p. 431 - 458).

Por um lado, o escritor exilado é particularmente afetado pela solidão – sob a forma de ausência de seu entorno lingüístico, leitores e editores, círculo intelectual e ambiente cultural – e sua produção, em alguns casos, reflete exclusivamente as perdas. Por outro, segundo Cortázar (1994, p. 165), as condições estão dadas para superar o desarraigamento e devolver o golpe infligido pela ditadura. Para isso, propõe que se vençam mal-entendidos “de raíz romántica y humanista, y, por decirlo de una vez, anacrónica, y plantear la condición del exilio en términos que superen su negatividad, a veces inevitable y terrible, pero a veces, también estereotipada y esterilizante”.

Uma estratégia é a de inverter o valor do exílio. De modo geral, apenas a ditadura o entende como resultado positivo, por associá-lo à eliminação do adversário, neste caso, o intelectual crítico ao regime imposto. Cortázar (1994, p. 169) sugere que o escritor exilado também o veja dessa maneira, como um acontecimento positivo, tirando maior proveito da sua condição e, de acordo com as especificidades do seu trabalho, procurando no humor o elemento que neutralize a saudade e o desespero e que – ao lado da demência, outra possibilidade – inverta o ângulo de mirada, para surpresa do regime autoritário. Caso contrário, o escritor não passará de um escriba da ditadura: “las dictaduras latinoamericanas no tienen escritores sino escribas: no nos convirtamos nosotros en escribas de la amargura, del resentimiento o de la melancolía. Seamos realmente libres, y para empezar librémonos del rótulo conmisericordioso y lacrimógeno que tiende a mostrarse con demasiada frecuencia”.

Sem deixar de considerar as diversidades alinhadas ao exílio, o autor sugere maneiras de subjugar o desvalor pela disposição para o trabalho com a escritura, pela inversão do olhar e busca de novos valores, e também pela invenção ao invés da aceitação de rótulos. Mas o requisito primeiro e necessário é a auto-avaliação e a autocrítica: “dar un paso atrás en sí mismo para verse de nuevo, para verse nuevo, para sacar por lo menos ese partido del exilio”. Há autores que realizam esse enfrentamento por meio da própria escritura. O saldo desse confronto surge de duas maneiras:

Por un lado están los que dejan de escribir para entrar en un terreno de acción personal, y por otro los que siguen escribiendo como forma específica de acción, pero ahora desde ópticas más abiertas, desde nuevos y más eficaces ángulos de tiro. En los dos casos el exilio ha sido superado como disvalor; en cambio, quienes callan para no hacer nada o siguen escribiendo como habían escrito siempre se vuelven igualmente ineficaces puesto que acatan el exilio como negatividad. (CORTAZAR, 1994, p. 170 - 171)

Da análise que faz Cortázar, podemos concluir que se apresenta uma separação entre exílio e exilado, entre a situação e o sujeito (escritor), sendo este o único a ser considerado no momento da autocrítica. Ressalta o lugar de resistência do escritor exilado, que é o de inverter a mirada negativa e desvestir o exílio de seu caráter de punição – apreciado pelos adversários.

O texto *América Latina: exilio y literatura*, como dissemos, foi apresentado em um colóquio sobre literatura latino-americana em 1978, momento em que as denúncias sobre as ações repressoras da ditadura argentina eram divulgadas em diferentes partes do mundo. Em sintonia com o momento histórico e com o clima de cisão da época, tomando posicionamento, o autor reflete sobre o papel social e político do escritor e, de igual maneira, sobre a narração e seu papel de resistência. Para Cortázar, embora tenha um poder limitado, o escritor possui os meios – sua literatura – para sensibilizar os leitores contra as atrocidades do regime, complementando o trabalho do jornalismo, cujo alcance se esgota na informação:

Ya lo sabemos: poco pueden los escritores contra la máquina del imperialismo y el terror fascista en nuestras tierras; pero es evidente que en el curso de los últimos años la denuncia por vía literaria de esa máquina y de ese terror ha logrado un impacto creciente en los lectores del extranjero, y por consiguiente una mayor ayuda moral y práctica a los movimientos de resistencia y de lucha. (idem, p. 171 - 172)

Findo o período de comoção social e política, a literatura já não se apresenta mais como um dos poucos canais de pro-

testo e o escritor pode dedicar-se a “apurar sua arte”⁶, o que implica procurar uma nova estética para abordar seus temas, inclusive quando dizem respeito à violência e ao horror. Essa parece ser a pauta dos anos 80, na passagem da ditadura para a democracia, em que se verifica, nas literaturas argentina e brasileira, o esgotamento de determinadas fórmulas para representar acontecimentos dolorosos da experiência pessoal ou coletiva. Os códigos canônicos do realismo-naturalismo já não dão conta de ocupar-se do excesso de fissuras, descontinuidades e contradições do mundo objetivo⁷.

Considerações finais

Sendo o exílio, em função das últimas ditaduras militares na Argentina e no Brasil, uma situação que leva o homem a experimentar uma vida que se estabelece à margem, gera

⁶ Ivan Ângelo (1994, p. 72) explica que “[a]lguns autores de ficção compreenderam que o momento da abertura não deveria ser usado para tirar a camisa e exhibir as feridas. O que fizeram foi apurar sua arte para se desvencilhar do passado, dos estilos, linguagens e temas do tipo peceção, ou do tipo formalista. Buscaram uma estética não oprimida, não terceiro-mundista, para falar de opressão”.

⁷ De acordo com Beatriz Sarlo (1983, p. 08), há na literatura argentina dos anos 70 um redirecionamento da narrativa, que passa do sistema da década anterior, presidido por Cortázar e uma certa leitura de Borges, a um sistema dominado por um Borges processado pela teoria literária com base no intertexto. Esse redirecionamento sugere uma “desconfianza radical frente a la narración ‘clásica’; se plantea una pregunta: ¿cómo seguir contando?”. Algumas das possíveis origens dessa interrogação são “la crisis de la forma ‘relato’, que es un capítulo más de la larga crisis del realismo, por un lado. [...] Por otro lado, está la búsqueda de formas narrativas que permitan la reflexión y que, al mismo tiempo, no sean las de la típica ‘novela discursiva’, frente a un conjunto de experiencias sociales que suscitan la perplejidad y el sentimiento de que una explicación es necesaria”. Já Flora Süssekind (1984, p. 39) – discorrendo sobre a continuidade que a estética naturalista tem na literatura brasileira e que aparece pela terceira vez nos anos setenta –, comenta que, ao tentar retratar objetivamente uma realidade nacional, o texto naturalista “contribui para o ocultamento da dependência e da falta de identidade, próprias ao Brasil. Pressupõe que existe uma realidade una, coesa e autônoma que deve captar integralmente. Não deixa que transpareçam as descontinuidades e os influxos externos que fraturam tal unidade”.

seqüelas que são vivenciadas individualmente e que nem sempre são superadas. O impacto de sua violência pode ser observado nas literaturas contemporâneas dos dois países, em que persiste como temática, ainda que recebendo tratamento discursivo e grau de destaque específicos e variáveis de acordo com a produção de cada escritor e as características de cada sistema literário. Nas obras que abordam o assunto, identificamos reflexos de processos políticos castradores e de problemática comunicação com a sociedade.

O exílio também abre fissuras coletivas que são percebidas imediatamente pela sociedade, ao longo do tempo ou apenas no momento em que se ampliam as garantias civis que alimentam a transição a um regime democrático, quando se encontram os que ficaram e os que saíram do país e suas respectivas experiências. Algumas delas são a separação de famílias, a perda de talentos profissionais e a divisão da sociedade entre os de dentro e os de fora – enquanto aqueles são caracterizados como os que ficaram no país e suportaram as condições adversas e a violência, estes são vistos como os que se salvaram, conheceram outros países, ou mesmo, tiveram um “exílio dourado” –. Essa divisão também pode aparecer no campo literário, como aconteceu no caso da Argentina, e diferentemente do que aconteceu no Brasil.

Para conhecer algumas dessas fissuras, que colaboram na compreensão da produção literária contemporânea em que o exílio aparece representado como condição marcada pelas perdas (individuais e/ou coletivas), utilizamos neste trabalho uma série de fragmentos de textos literários, de depoimentos de exilados e estudos teóricos para uma primeira aproximação ao tema do exílio e sua relação com escritores brasileiros e argentinos.

MUNHOZ, S. Approaches to the theme of exile and the experience of Brazilian and Argentine writers. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 59 - 80, 2005.

- **ABSTRACT:** *The last military coups in Argentine and Brazil had left sequels which can be seen in those societies, being exile one of them. Among the groups that lived the exile experience, there*

are the writers who left their countries due to persecution of their oppositional ideas in relation to the new dominant order, or due to their search for freedom of expression. Considering these facts, our aim is to try and rescue some features from exile experience and its relation with Argentinian and Brazilian writers because it helps us to understand the treatment which has been given to the subject in a set of texts of contemporary literature production.

- KEYWORDS: *Argentinian and Brazilian writers; contemporary literature; dictatorship; exile.*

Referências

ÂNGELO, I. Nós, que amávamos tanto a literatura. In: SOSNOWSKI, S.; SCHWARTZ, J. *Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: EDUSP, 1994.

BENJAMIN, W. Teses sobre a filosofia da história. In: KOTHE, F. (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p. 153 - 164.

BONASSO, M. *Recuerdo de la muerte*. Buenos Aires: Planeta. 1998.

BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAVALCANTI, P. C. U.; RAMOS, J. (Org.). *Memórias do exílio, Brasil 1964 - 19???. De muitos caminhos*. São Paulo: Livraria Livramento, 1978. v.1.

COGGIOLA, O. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2001.

CORTÁZAR, J. América Latina: exílio y literatura. In: *Julio Cortázar. Obra crítica/3*. Madrid: Alfaguara, 1994. v. 3, p. 161 - 180.

DE DIEGO, J. L. Relatos atravesados por los exilios. In: JITRIK, N. *Historia Crítica de la literatura argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2000. v. 11, p. 431 - 458.

DE MARCO, V. Literatura de testemunho: aproximações a Ferreira Gullar. In: SILVEIRA MARTINS, Dileta. (Org.) *Anais do 18 Seminário Brasileiro de Crítica Literária, 17º Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul, Jornada Internacional de Narratologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 47 - 70.

FAUSTO, B. *A história do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FERREIRA, P. Paffomiloff entrevista Ana Maria Machado. Disponível em < <http://www.sobresites.com/literaturajuvenil/entrevista1.htm>.> Acesso em 20 jan. 2005.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Edição Standard). Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 275 - 291, vol. XIV.

GABEIRA, F. *Carta sobre a anistia; A entrevista do Pasquim; Conversação sobre 1968*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

_____. *O crepúsculo do macho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GIORDANO, A. Tiempo del exilio y escritura de los recuerdos: *En estado de memoria*, de Tununa Mercado. *Iberoamericana*. Madrid, n. 1, v.1, p. 113 - 120, 2001.

GINZBURG, J. Ditadura e estética do trauma: exílio e fantasmagoria. In: CORREIA, F. J. G. (Org.). *O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia*. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 53 - 62.

GOLOBOFF, G. M. Las lenguas del exilio. In: KOHUT, Karl; PAGNI, Andrea (eds.). *Literatura argentina hoy. De la dictadura a la democracia*. Frankfurt/Maim: Editorial Vervuert, 1993. p. 135 - 140.

GULLAR, F. *Rabo de foguete. Os anos de exílio*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

HOBBSAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIBERMAN, A. Rememoración del exilio. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 517 - 519, p. 544 - 552, julio-septiembre, 1993.

LORENZANO, S. *Escrituras de sobrevivencia. Narrativa argentina y dictadura*. México - DF: UAM - Unidad Iztapalapa, 2001.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades-Ed. 34, 2000.

MARTINI, J. C. Exilio y ficción: una escritura en crisis. In: KOHUT, Karl; PAGNI, A. (Ed.). *Literatura argentina hoy. De la dictadura a la democracia*. Frankfurt/Maim: Editorial Vervuert, 1993. p. 141 - 146.

MERCADO, T. *En estado de memoria*. México - DF: UNAM, 1992.

MOREIRAS, A. A aura do testemunho. In: *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. *Tercer espacio: literatura y duelo en América Latina*. Santiago: LOM Ediciones: Universidad ARCIS, 1999. p. 389 - 397.

MOYANO, D. Escribir en el exilio. In: KOHUT, Karl; PAGNI, Andrea (Ed.). *Literatura argentina hoy. De la dictadura a la democracia*. Frankfurt/Maim: Editorial Vervuert, 1993. p. 147 - 156.

NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

ROLLEMBERG, D. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROMERO, L. A. *Breve História Contemporânea de la Argentina*. Buenos Aires: FCE, 1999.

ROSENFELD, A. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SADER, E. Nós que amávamos tanto *O Capital*. *Praga - Revista de Estudos Marxistas*, São Paulo, n. 1, p. 55 - 77, set/dez, 1996.

SAER, J. J. El concepto de ficción. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año XIV, n. 40, p. 01 - 03, julio-septiembre de 1991.

SAID, E. W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALAS, H. Duro oficio el exilio. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 517 - 519, p. 555 - 559, julio-septiembre, 1993.

SARLO, B. Literatura y política. *Punto de vista*, Buenos Aires, año VI, n. 19, pp. 8-11, diciembre, 1983.

SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TIZÓN, H. Experiencia y lenguaje I. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año XVIII, n.51, p. 02, abr. 1995.

_____. *La casa y el viento*. Buenos Aires: Alfaguara, 2001.

VIÑAR, M.; VIÑAR, M. *Exílio e tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.